

**O ENCONTRO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA A
COMPREENSÃO DA ALTERIDADE ANIMAL EM *THE LIVES OF THE ANIMALS*, DE J.M.
COETZEE**

**THE ENCOUNTER OF PHILOSOPHY AND LITERATURE AS A MEANS OF
UNDERSTANDING ANIMAL OTHERNESS IN *THE LIVES OF THE ANIMALS* BY J.M.
COETZEE**

Anderson Bastos Martins
João Francisco Justino Lopes

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a04

RESUMO: Este artigo pretende demonstrar que o encontro entre o discurso racional da filosofia e o discurso artístico da literatura pode produzir novas maneiras de apreensão da alteridade animal na obra *The Lives of The Animals*, de J. M. Coetzee. No romance, a protagonista defende que não é estritamente por meio da razão que entraremos em contato com a alteridade animal, mas também pela sensibilidade da poesia. Como alternativa a um pensamento essencialista, propõe-se, baseando-se na filosofia de Deleuze e Guattari (1995), uma ideia rizomática, centrada na imprevisibilidade dos devires como criação de identidades desterritorializadas, tanto dos corpos disciplinares da filosofia e da literatura, quanto dos corpos do humano e do animal.

Palavras-chave: Literatura e Filosofia; Alteridade animal; Afetamento; Devir.

ABSTRACT: This article intends to demonstrate that the encounter between the rational discourse of philosophy and the artistic discourse of literature can produce new ways of apprehending animal otherness in the novel *The Lives of the Animals*, by J. M. Coetzee. In the novel, the protagonist argues that it is not strictly through reason and philosophy that we will be able to get in touch with animal otherness, but also through the sensitivity of poetry. As an alternative to an essentialist thought, it is proposed, based on the philosophy of Deleuze and Guattari (1995), a rhizomatic idea, focused on unpredictability of becomings as the creation of deterritorialized identities, both of the disciplinary bodies of philosophy and literature, as well as of human and animal bodies.

Keywords: Literature and Philosophy; Animal otherness; Affectation ; Becoming.

Em nossa sociedade ocidental, o pensamento clássico grego e a filosofia cartesiana moldaram nossa percepção de maneira binária e dicotômica. Há o corpo e a alma, a morte e a vida, o positivo e o negativo, o homem e o animal, o racional e o irracional. Esse pensamento, seguro nas identidades estanques e na imponência da razão, propõe uma verdade totalizante, não permitindo fissuras, entremeios, devires e contrassensos. Como assinalado por Ricardo Souza (2007), dos clássicos, herdamos a segurança absoluta no “ser”:

Essa posição originária se traduz pela intenção de penetração unívoca, racional, na realidade. A linguagem grega, bela tradução desta origem no passado e inspiradora de inúmeras linguagens futuras, tem no verbo Ser sua essência mais profunda, o essencial de sua autocompreensão¹.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), por meio dos conceitos de rizoma e desterritorialização, afastam-se da estrutura arborescente do pensamento tradicional ocidental, modo de pensar no qual há uma verdade absoluta, um modelo de transcendência representado pela figura de uma árvore, com raiz fixa e cujos galhos se ramificam em outros saberes e acontecimentos. Os filósofos afirmam que, em vez de haver um centro de onde brota caules dependentes, há na verdade uma estrutura rizomática, sem qualquer ponto de início ou formas hierarquizantes. O verbo “ser” é desenraizado, abrindo caminho para novas modalidades de existência:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser².

Não tendo origem ou fim, o rizoma tem direções movediças que se chocam em qualquer ponto. Esses choques geram uma série de encontros e afetamentos, produzindo

¹ Souza, 2007, p. 115.

² Deleuze; Guattari, 1995, p. 36, grifo no original.

uma interrelação de conceitos/acontecimentos e resultando no imprevisto da multiplicidade. Os ramos do rizoma progridem infinitamente, carregando a essência do ramo anterior, mas sem necessariamente ser sua cópia, formando algo novo. A crença em um ser essencial se desestabiliza em favor de um processo de imanência. As novas possibilidades imanentes de afetamentos e agenciamentos nascem de rupturas no rizoma, que os autores denominam de desterritorialização:

Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas também compreende linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar³.

O pensamento clássico atrelou-se à maneira como observamos os fenômenos que nos cercam, porém, esse modo de perceber a realidade, ancorado principalmente em uma base racionalista, não mais parece ser suficiente para compreender um mundo em que estamos em constante experiência de alteridade. Como alternativa a essa concepção, Deleuze e Guattari (1995) estabelecem que a construção da subjetividade está em constante transformação. A identidade, de fato, encontra-se em um permanente estado de devir, em um processo em que os seres e as coisas se tornam formas híbridas de existência, manifestando-se com determinada intensidade e de acordo com cada singularidade.

O pensamento de Deleuze e Guattari nos é caro na medida em que podemos pensar que o encontro entre o discurso racional da ciência e da filosofia e o discurso artístico da literatura permite a construção de outras verdades múltiplas, novos modos de conceber o mundo que escapem a uma visão totalizadora. A transdisciplinaridade, o devir-literário na filosofia e o devir-filosófico na literatura podem ser ferramentas para a compreensão da alteridade animal, sendo potências criadoras que permitem a travessia de identidades entre o humano e animal. O pensamento imbuído de razão e arte pode nos auxiliar a mergulhar na alteridade radical que emana dos animais não humanos, criaturas que, devido à epistemologia cartesiana de outrora, foram condenadas à margem.

³ Deleuze; Guattaru, 1995, p. 17.

A filosofia racionalista do século XVII estabeleceu um par de oposição entre o que seria pertencente ao homem, como a capacidade de linguagem e o pensamento racional, em oposição a tudo aquilo que pertenceria ao animal, domínio da mudez e da irracionalidade. Descartes acreditava que o comportamento dos animais seria regido apenas por critérios mecânicos e fisiológicos. Os animais, não capazes de manifestar pensamento racional, tampouco expressar subjetividade por meio da linguagem, seriam um mero construto autômato. Essa filosofia romperia definitivamente nosso elo com os animais, delimitando animais humanos de um lado e não humanos de outro. A partir disso, pensamos em oposição: somos homens porque não somos animais.

No entanto, a propagação dos chamados Estudos Animais nos meios acadêmicos propõe uma revisão de nossa relação com os outros animais, questionando o antropocentrismo e a nossa definição de humano. Como bem aponta Maria Esther Maciel (2016), os Estudos Animais acabam por demonstrar “(...) o desejo de recuperar nossa própria animalidade perdida ou recalcada, contra a qual foram sendo construídos, ao longo dos séculos, os conceitos de humanidade e de humanismo”⁴. Essa linha de pensamento nos convida a refletir sobre novas relações entre o animal e o humano, propondo a experiência da alteridade, à afetação do outro e aos devires.

Os Estudos Animais, ao lidarem com um objeto de estudo complexo, requerem um pensamento interdisciplinar. De acordo com Ângela Guida (2011), a referida linha de estudo se manifesta no “entrecruzamento de diferentes campos do conhecimento, como biopolítica, bioética, antropologia, etologia, estudos literários, filosofia, biologia, ecologia, entre outros”⁵. Em nossa reflexão, tentaremos nos debruçar sobre a ideia de transdisciplinaridade como alternativa a um pensamento dualista, este que estabelece onde está estritamente o domínio da razão e onde está o que pertence ao artístico; uma alternativa que reflita sobre a questão animal embebida de ciência, filosofia e literatura, e que veja a potência de afetamento entre essas disciplinas como possível contato com a alteridade animal.

Esse encontro entre disciplinas e identidades está presente no romance *The Lives of the Animals* (1999), de John Maxwell Coetzee. A obra, além de ser um romance híbrido entre

⁴ Maciel, 2016, p.16.

⁵ Guida, 2011, p. 288

ficção e ensaio filosófico, demonstra também como a alteridade animal pode ser compreendida pela poesia, e não apenas pela insuficiente racionalidade.

Em 1997, o escritor sul-africano J. M. Coetzee foi convidado a proferir duas palestras na Universidade de Princeton. Tendo escolhido o tema dos direitos dos animais, o autor resolveu abandonar o discurso científico e filosófico, optando pela narrativa literária. Coetzee, então, ministra as palestras como se fosse outra pessoa, no caso, Elizabeth Costello, espécie de alter ego do autor. Utilizando da metalinguagem e da figura de Costello, Coetzee apresenta duas palestras: “Os filósofos e os animais” e “Os poetas e os animais”. Em 1999, é publicado *The Lives of The Animals*, obra que consiste nessas duas palestras de Coetzee (Costello) em Princeton, acrescidas de outras referências científicas e trechos ficcionais.

O livro conta a história de Elizabeth Costello, uma escritora de ficção, intelectual e acadêmica, que é convidada a palestrar em *Appletown College*, nos Estados Unidos. Desafiando o pensamento racional de sua plateia, Costello provoca os intelectuais que a assistem, chamando a atenção para as inúmeras violências que cometemos contra os animais não humanos.

Para a Costello, a suposta superioridade intelectual dos humanos em relação aos animais não seria justificativa para o sofrimento que imputamos aos animais, uma vez que eles também sofrem e têm consciência de sua finitude. Em determinado trecho do romance, Costello reflete sobre o texto *Como é ser um morcego* [*What is like to be a bat*], de Thomas Nagel. A romancista diz que, apesar da boa intenção de Nagel, o erro do filósofo é tentar experimentar “ser morcego” pensando racionalmente no que seria apreender o mundo pelas modalidades sensoriais do animal. Para Costello, bastaria compreender que o morcego existe e que ele também sente e vive: “(...) se somos capazes de pensar a nossa própria morte, por que diabos não somos capazes de pensar a vida de um morcego? (...) Ser um morcego vivo é estar cheio de ser”^{6,7}. Em outro trecho, ao ter sua visão confrontada pelos intelectuais presentes na universidade, Costello responde: “Eles não têm consciência

⁶ “(...) if we are capable of thinking our own death, why on earth should we not be capable of thinking our way into the life of a bat? (...) To be a living bat is to be full of being”.

⁷ Coetzee, 1999, p. 32-33, tradução nossa.

portanto. Portanto o quê? Portanto estamos livres para usar os animais para os nossos fins? Portanto estamos livres para matá-los?”^{8,9}

Nesse sentido, o pensamento de Costello se assemelha ao do filósofo Jacques Derrida, autor que aponta a necessidade atual de se compreender o animal pela esfera de sua alteridade, questionando “os próprios do homem” e afirmando que a privação do *logos* e de outras faculdades ligadas à razão não seriam justificativas para o assujeitamento dos animais. Em *Animal que logo sou (eu sigo)* (2002), o autor revisita teóricos e filósofos racionalistas, criticando o logocentrismo e demonstrando que esses pensadores nunca se debruçaram, de fato, sobre a alteridade animal, uma vez que “refletiram sobre o animal, mas nunca se *viram vistas* pelo animal”¹⁰.

Elizabeth Costello também se posiciona contra um humanismo racionalista, apontando que tal concepção condenou os animais ao silêncio e à exclusão: “Hoje essas criaturas não têm mais poder. Aos animais só restou seu silêncio para nos confrontar”^{11,12}. Quanto mais a filosofia racionalista pensou o animal apenas pela diferença e oposição aos humanos, mais ela se distanciou do animal. Por isso Derrida afirmar que, diferentemente da filosofia, a literatura seria o espaço ficcional que incitaria o contato com a outridade radical que emana do animal: “Pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar”¹³. Costello, na esteira de Derrida, também indica que não seria pela esfera do racional e do intelectual que conseguiríamos apreender a alteridade animal, mas sim por meio da poesia e da própria experiência de convivência com este ser, despertando em nós a empatia, como bem exemplificado neste trecho no qual a escritora debate com um de seus colegas:

Se eu não te convenço, é porque minhas palavras, aqui, não têm o poder de despertar no senhor o todo, a natureza não abstrata e não intelectual do ser animal. Por isso, eu lhe incito a ler os poetas que devolvem à linguagem o ser

⁸ “They have no consciousness therefore. Therefore what? Therefore we are free to use them for our own ends? Therefore we are free to kill them?”.

⁹ Coetzee, 1999, 44, grifo no original, tradução nossa.

¹⁰ Derrida, 2002, p. 33, grifo no original.

¹¹ “Today these creatures have no more power. Animals have only their silence left with which to confront us”.

¹² Coetzee, 1999, p. 25, tradução nossa.

¹³ Derrida, 2002, p. 22.

vivo pulsante; e se os poetas não o comovem, digo para que ande lado a lado com o animal que é empurrado pela rampa em direção ao seu carrasco^{14, 15}

Cabe também mencionar que encontramos no romance uma relação interessante entre Elizabeth Costello e Norma, sua nora, Ph.D. em filosofia da mente pela Universidade John Hopkins. Costello se hospeda na casa de seu filho, John, e sua presença gera um incômodo em Norma. A nora, durante todo o romance, opõe-se às ideias de Costello, dizendo que a ciência é o único conhecimento que pode ser validado frente a qualquer fenômeno. Vejamos um trecho em que Norma, em um diálogo com John, critica o pensamento da sogra e reflete sobre o que seria a visão de mundo de um esquilo:

— É ingênuo, John. É o tipo de relativismo fácil, raso, que impressiona calouros. Respeito pela visão de mundo de todo mundo, a visão de mundo da vaca, a visão de mundo do esquilo, e por aí vai. Isso acaba levando à completa paralisia intelectual. Você passa tanto tempo respeitando que não sobra tempo para pensar.

— Um esquilo não tem uma visão de mundo?

— Sim, um esquilo tem uma visão de mundo. A visão de mundo do esquilo compreende bolotas, árvores, o clima, os gatos, os cachorros, carros e esquilos do sexo oposto. Compreende um sistema de como esses fenômenos interagem e de como ele deve interagir com eles para sobreviver. E só. Nada mais. Isso é o mundo segundo um esquilo^{16, 17}

Essa passagem do romance ilustra a visão de mundo que Costello pretende questionar em suas palestras. Para a autora, Norma e os acadêmicos permanecem limitados

¹⁴ “If I do not convince you, that is because my words, here, lack the power to bring home to you the wholeness, the unabstracted, unintellectual nature, of that animal being. That is why I urge you to read the poets who return the living, electric being to language; and if the poets do not move you, I urge you to walk, flank to flank, beside the beast that is prodded down the chute to his executioner”.

¹⁵ Coetzee, 1999, p. 65.

¹⁶ “It’s naive, John. It’s the kind of easy, shallow relativism that impresses freshmen. Respect for everyone’s worldview, the cow’s worldview, the squirrel’s worldview, and so forth. In the end it leads to total intellectual paralysis. You spend so much time respecting that you haven’t time left to think.”

“Doesn’t a squirrel have a worldview?”

“Yes, a squirrel does have a worldview. Its worldview comprises acorns and trees and weather and cats and dogs and automobiles and squirrels of the opposite sex. It comprises an account of how these phenomena interact and how it should interact with them to survive. That’s all. There’s no more. That’s the world according to squirrel”.

¹⁷ Coetzee, 1999, p. 47-48.

e não conseguiram, de fato, entrar em contato verdadeiro com o animal, ser cuja visão de mundo não é compreensível aos seres humanos pela esfera da racionalidade.

De acordo com Derrida, Montaigne já afirmava não haver um *logos* único e que seria muita presunção dos humanos conceder à capacidade da razão a quem bem entendessem¹⁸. Os animais seriam capazes de processos de compreensão de mundo e de exercer a linguagem de maneiras particulares, afastando a ideia cartesiana que encara o animal como teorema, uma máquina cujo funcionamento pode ser desvendado. Os animais, portanto, podem pensar e se comunicar, não pela articulação de palavras, mas exercendo outros tipos de linguagem:

(...) ninguém pode garantir que um boi, uma serpente, uma águia ou um gato não tenham uma visão de mundo, um olhar único, que a cada um deles pertence. Ninguém pode saber ao certo se eles estão, realmente, impedidos de pensar; ou se pensam, ainda, que de uma forma muito diferente da nossa. Ninguém pode assegurar que eles não têm uma voz que se inscreve num tipo ignorado de linguagem, numa espécie de “logos” particular¹⁹.

Nesse sentido, como defendido anteriormente por Elizabeth Costello e Jacques Derrida, o discurso ficcional da literatura, mais ainda do que os saberes ligados à razão, seria um espaço de apreensão da alteridade radical que emana do animal, já que “compreender o animal é uma experiência que se aloja nos limites da linguagem, lá onde a aproximação entre os mundos humano e não humano se torna viável”²⁰.

Em *The Lives of the Animals*, nota-se que Coetzee utiliza a mistura do discurso ficcional, filosófico e científico para criticar a própria razão como forma de apreensão da alteridade animal. O autor, portanto, escreve um romance que desafia as convenções entre literatura e filosofia e cujo entrelaçamento paradoxal entre o racional e o sensível almejado tanto por Coetzee-escritor como por Costello-personagem pode se justificar pelo próprio objeto abordado na obra, a saber, a animalidade – objeto que escapa a um pensamento enrijecido, como bem explicado por Dolores Oliveira Silva:

¹⁸ Derrida, 2002, p. 19-20.

¹⁹ Maciel, 2016, p. 119-120.

²⁰ Maciel, 2016, p. 112.

A romancista reconhece que pensar o animal é uma ação que se dá por via do paradoxo: para que uma verdade possa ser dita de modo inteligível a uma plateia cartesiana, a escritora deve ceder ao discurso racional; o animal, no entanto, escapa dos enquadramentos, sejam eles filosóficos ou científicos²¹.

Acentuando ainda mais o caráter transdisciplinar do livro, a edição do romance tem um primeiro espaço dedicado a comentários de cientistas e filósofos reais opinando sobre as palestras de Costello. A obra, portanto, serve a quem se dedica à questão animal por dois motivos: 1) pelo aspecto literário, que vem a ser defendido pela própria Costello como travessia de contato com o animal; 2) por ser uma fonte, em certa medida, científica, uma vez que, além de utilizar de palestras e debates acadêmicos na narrativa, o romance também conta com comentários de cientistas e filósofos cujas pesquisas lidam com o tema da animalidade.

Compreendendo a junção entre os diferentes ramos do saber presentes no romance, podemos pensar que, em certa medida, o tema deste trabalho parece contraditório. Se poesia e ciência podem se misturar, estabelecerem um afetamento potente em busca de algo imprevisito, por que Derrida, Costello e Coetzee negam a razão? Cremos que tanto no trabalho desses pensadores, como para qualquer um que se proponha a uma epistemologia não antropocêntrica, não se trata, grosso modo, de abandonar a razão, mas sim de afastar-se de uma filosofia racionalista que utilize binarismos, conceitos e identidades fixas que não mais parecem responder às indagações que levantamos frente à nossa relação com os animais.

Talvez seja por essa recusa a uma abordagem rígida ao tratar da questão animal, que Coetzee sentiu o dever de debater o tema pelo viés da literatura, recusando-se a apresentar respostas prontas. Ao mesmo tempo, não renuncia ao discurso racional, uma vez que toda a estrutura de seu romance é semelhante à de um ensaio filosófico. *The Lives of the Animals*, portanto, se torna exemplar ao se tratar da questão da animalidade por meio da ciência, da filosofia e da literatura, demonstrando que a experiência da alteridade animal pode resultar justamente desse encontro transdisciplinar.

²¹ Silva, 2016, p. 57.

Considerações finais

No presente artigo, buscou-se refletir o quanto o encontro entre filosofia e literatura pode nos levar à novas formas de enxergar o mundo e nos relacionarmos com os outros animais. Para tanto, defendemos um pensamento que não entende a identidade como essencial, mas sim construída na singularidade. Nesse sentido há, de fato, em termos deleuzianos, uma subjetividade desterritorializada, que se move pelas rupturas do rizoma, que manifesta sua potência nos afetamentos e devires. É preciso se basear em um pensamento que escape à tradição e à segurança ontológica; por meio das forças e das intensidades dos encontros transdisciplinares podemos pensar o devir como experiência de alteridade, de verdadeira transfiguração no outro. A filosofia se torna literatura, o homem se torna animal.

O romance *The Lives of The Animals*, obra transdisciplinar em sua própria composição, traz uma protagonista que reforça a possibilidade de apreensão da alteridade animal pela esfera da poesia e da sensibilidade. Contra uma filosofia racionalista, Coetzee, por meio de seu alter ego ficcional, alerta-nos para importância e urgência da revisão de nossa relação com os animais não humanos fora do domínio antropocêntrico.

Devemos abandonar um pensamento racionalista cartesiano, definidor de limites de natureza ontológica – é filosofia porque não é literatura, é homem porque não é animal. Propomos, assim, a multiplicidade em alternativa à dicotomia. Que a ação exercida em nosso ofício intelectual seja afetada por outras poéticas, possibilitando novas maneiras de ver o mundo. Pensemos os corpos em constante transformação, tanto os corpos disciplinares, como filosofia e literatura, como os corpos do humano e do animal. Que a filosofia se embriague de literatura. Que povoemos o mundo de filósofos-artistas e de homens-animais.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio da FAPEMIG, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Referências Bibliográficas

- COETZEE, John Maxwell. **The Lives of the Animals**. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v.1.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou (a seguir)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GUIDA, Angela Maria. Literatura e estudos animais. **Raído**. Dourados, v. 5, n. 10, p. 287-296, 2011
- MACIEL, Maria Esther. **Literatura e Animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- SILVA, Dolores Oliveira. **Corpos Mal Situados: a figura do animal em Desonra e A vida dos animais**, de J. M. Coetzee. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SOUZA, Ricardo Timm. Ética e Animais – Reflexões desde o imperativo da alteridade. **Veritas**, Porto Alegre - RS, v.52, n. 2, p. 109-127, junho de 2007.

Anderson Bastos Martins é doutor em Literatura Comparada pela UFMG (2010) e Professor Associado I da Faculdade de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Graduação em Inglês, na Universidade Federal de Juiz de Fora. É também docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários - da Universidade Federal de Juiz de Fora desde abril de 2018. Atualmente ocupa o cargo de Diretor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora, com início em fevereiro de 2021.

João Francisco Justino Lopes é doutorando em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Desenvolve pesquisas sobre Literatura e Animalidade; Literatura e Cinema; Literatura Brasileira; Literatura Sul-Africana.

Recebido em agosto de 2023
Aprovado em dezembro de 2023